

HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E HISTÓRIA POLÍTICA UNIVERSAL
NA TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

INICIANDO

O tema que me foi alocado é impressionante em sua magnitude! Falar da História da Salvação é como que falar de toda a Teologia do Antigo Testamento. Falar da História Política Universal, então... Coube-me a incumbência de relacionar esses dois temas extremamente abrangentes.

Em função de tal dificuldade, foi obrigatória a escolha de um caminho menos amplo ao tratar da temática proposta. Escolhi, pois, responder a uma pergunta fundamental, que tem a ver tanto com a História da Salvação quanto com a História Política Universal: "A fé veterotestamentária possui implicações políticas, ou é uma fé política?" Decorrente desta pergunta vem outra: A nossa teologia terá implicações políticas, ou será, inevitavelmente, política?

A resposta a estas perguntas será fundamentada a partir de três linhas de argumentação, fundamentais na teologia do Antigo Testamento. Creio ter demonstrado na minha exposição que não é possível, no Antigo Testamento, separar a fé do político, e vice-versa. As três linhas de argumentação são as seguintes, e formam a estrutura básica desta exposição: (1) Quem é o Deus do Antigo Testamento? (2) Quem é o povo de Deus no Antigo Testamento? (3) Qual é o projeto de Deus e seu povo no Antigo Testamento?

1. QUEM É O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO?

"Qualquer 'Teologia do Antigo Testamento' tem a tarefa de apresentar o que o Antigo Testamento diz acerca de Deus, como um todo coerente".¹ Se queremos compreender a fé veterotestamentária temos, necessariamente, de começar pela pergunta sobre o Deus do Antigo Testamento. E o faremos com todas as limitações de uma palestra (e não um tratado teológico), levando em consideração, também, que a busca de "um todo coerente" da imagem de Deus no Antigo Testamento não é tão simples assim.²

O ponto de partida para o conhecimento do Deus do Antigo Testamento é a sua auto-revelação no evento do êxodo, particularmente através do seu testemunho a Moisés nos caps. 3 a 6 do livro de Êxodo.³ São inúmeras as tentativas de desvendar o "mistério" do nome de Javé, e aqui não poderemos apresentar uma resenha das mesmas, mas apenas tecer considerações fundamentais sobre o caráter de Javé, sem a pretensão de desvelar o mistério do seu nome.⁴

1.1. Javé, o Senhor da Vida

Impressiona profundamente nestes textos do Êxodo o fato de que Javé é o Deus que pode dar (e tirar) a vida aos seres humanos. Javé se apresenta a Moisés a fim de comissioná-lo para tirar seu povo da opressão egípcia e levá-lo a uma "terra que mana leite e mel" - à terra da vida - em oposição à terra da morte que lhes era o Egito. (Terra egípcia que fora, outrora, fonte de esperança e vida para os semi-nômades patriarcais).

¹ Zimmerli, W. *Old Testament Theology in Outline*. T. & T. Clark, Edimburgo, 1978, 258 p., cit. p. 12.

² Cp. a advertência de Milton Schwantes, em seu polígrafo (*Teologia do Antigo Testamento: Anotações*. São Leopoldo, 2 v., s.d., 131 p.) v. 1, p. 2s.

³ Para embasamento exegético e teológico, vide W. ZIMMERLI, *op.cit.*, p. 14s; Milton SCHWANTES, *op. cit.*, p. 30s; Jacques ELLUL, *The Ethics of Freedom*, Eerdmans, p. 98; E. A. MARTENS, *Plot and Purpose in the Old Testament*, Inter-Varsity Press, Leicester, 1981, 271 p., p. 11s.

⁴ Quanto ao nome de Javé, revelado neste trecho, vide J. P. HYATT, *Exodus*, NCBC, Eerdmans, Grand Rapids, 1980, 351p., in loco; mais as teologias do Antigo Testamento e dicionários teológicos correspondentes. N.E.: O autor não desconhece os problemas de vocalização do nome "YHWH", aqui transcrito como "Javé" para simplificar a leitura.

Também causa profunda impressão o detalhe, no cap. 3, de que Javé se apresenta numa chama de fogo na sarça - que ardia e não se consumia. O Deus que é "fogo consumidor" (Ex 24.17; Hb 12.29) manteve vivo o arbusto, locus de sua revelação.

Jesus Cristo, numa discussão com saduceus, cita Ex 3.6 interpretando-o assim: "Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos" (Mt 22.32). Juntamente com as duas observações acima, creio que esta nos faz ver que o ponto fundamental na auto-revelação de Javé a Moisés é ser ele, Javé, Senhor da Vida. Que, pois, significa tal afirmação a respeito de Deus?

1.1.1 Vida, um conceito pluridimensional. Não cabe aos textos veterotestamentários falar sobre "vida espiritual", "vida política", "vida material", etc. Tais epítetos à vida são destituídos de sentido para a cosmovisão hebréia. A vida é o viver das pessoas: nascer, brincar, crescer, trabalhar, sentir, amar, orar, governar, louvar, lutar. Vida é o antônimo de morte. No Seol, lugar dos mortos, não há vida.⁵

Ao revelar-se a Moisés, Javé propõe-se a tirar os hebreus do Egito e lhes dar a terra da vida. Tal ato de outorga de vida foi um ato político de libertação de escravos da servidão à potência imperial de então. O nascedouro da fé javista reveste-se, pois, de caráter político. A teologia do livro de Deuterônimo reflete sobre a libertação e, sob o tema da aliança, enfatiza sobremaneira a vida oferecida por Javé. Por exemplo, podemos citar Dt 30.15s, nos quais é a vida que Javé coloca à disposição dos escravos libertos - e vida, aqui, é felicidade, alimento, reprodução, terra, bênção, liberdade. É, sim, todo um projeto de vida para um povo sob a direção de seu Deus, na terra por ele prometida.

Já no Exílio, o povo chorava a perda da terra da vida. O salmo 137 nos desvela toda a tristeza do povo exilado. "Como podemos cantar o canto de Javé numa terra estrangeira?" Cantar, explosão da alegria, só fazia sentido para quem tivesse a vida em suas mãos. Para escravos, cuja vida estava nas mãos dos potentados babilônicos, o canto só poderia ser fúnebre, só poderia ser o lamento da morte. (E não vemos aqui um fato político?)

Vida - oposto da morte. Oposto da escravidão, da opressão, da fome, do trabalho forçado, do assassinato de crianças, da

⁵ Vide "Vida" in: Colin BROWN (ed.) *NDITNT*. São Paulo, Vida Nova, 1983. v. IV, p. 748-59.

ausência da fé, da supressão da dignidade humana, da exploração, da falta de terra. Vida, enfim, não é só o viver, mas o possuir os meios para viver, e possuí-los em liberdade, em fé, em gratidão a Javé.

1.1.2 O Senhor da Vida, criador de todas as coisas. O livro santo dos israelitas inicia com uma jubilante confissão de fé: "No princípio Deus criou os céus e a terra." No princípio, Javé criou a vida e tudo quanto é necessário para sua manutenção e reprodução.

As narrativas da criação, no Gênesis, sendo lidas em comparação com as narrativas de criação dos povos vizinhos de Israel revelam, à mão-cheia, a preferência de Javé pela vida, e vida a todos: animais, plantas e pessoas. Às pessoas Javé criou como seus representantes sobre a face da terra (este é o mais provável sentido da imagem de Deus na humanidade), terra que lhes foi dada como dádiva, fonte perene de vida! Que contraste com outros mitos do Antigo Oriente. Neles os seres humanos foram criados para servir (trabalhar) aos deuses - e até para alimentá-los. De fato, os mitos cosmogônicos do Antigo Oriente tinham como função primordial legitimar o domínio dos reis sobre os seus súditos, visto que apenas eles, os reis, tinham a imagem do Deus. A teologia da criação dos vizinhos de Israel estava a serviço da morte dos seres humanos, e a favor da preservação da vida (tão instável) dos reis e deuses. A teologia da criação de Israel, por outro lado, nos revela um Deus cheio de vida, tão seguro da sua condição de vivente, que criou "céus e terra" para outorgá-los aos seres humanos. A criação, para Israel, foi uma forma privilegiada para afirmar que Javé, Senhor da Vida, é o doador da vida. Um Deus vivo é um Deus que dá vida, que se dá a sua criatura. 6

Javé, o senhor e doador da vida, após criar a humanidade, abençoou-a: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai (...)" (Gn 1.28). Walter Brueggemann analisou com vigor essa bênção de Deus à humanidade. Para ele, podemos entender melhor estes cinco verbos ao emparelhá-los aos seus contrários:

* Para fundamentação exegética, textos dos mitos cosmogônicos dos vizinhos de Israel e uma análise comparativa desses mitos, veja: Claus WESTERMANN, *Genesis 1-11, A Commentary*, Minneapolis, Augsburg Pub. House, 1984, 636 p., in passim; J. Severino CRDATTO, *A luta dos deuses*. In: VARIOS. *A luta dos Deuses*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, 308 p.

sede fecundos não mais esterilidade
 multiplicai-vos não mais falta de herdeiros
 enchei a terra não mais despovoamento
 submetei-a não mais escravidão
 dominai não mais ser dominado⁷

Através desta afirmação Israel confessa sua fé no doador da vida. Se, como é provável, a forma final deste texto provém do exílio babilônico, o vigor da bênção se torna ainda mais impressionante. Contra todas as manifestações da morte, Javé dá a vida ao seu povo. Dá-lhes os meios de sustentar e reproduzir a sua própria vida: terra, poder, fertilidade. E mais, dá esperança e coragem para enfrentar as situações de morte.⁸

Não é de se estranhar, portanto, que no Dêutero-Isaias a criação e a libertação do Israel exilado sejam equiparados. Conforme a maioria dos estudiosos contemporâneos, o ponto de partida para a compreensão da doutrina bíblica da criação está no êxodo, ou, mais exatamente, na libertação outorgada por Javé aos escravos hebreus. Essa a razão fundamental para a diferença qualitativa entre a cosmogonia israelita e as de seus vizinhos!

1.1.3 O Senhor e Doador da Vida, Senhor também da Morte. A teologia da aliança, em Deuteronomio principalmente, além de enfatizar a vida, enfatiza que Israel poderá receber a morte-se não cumprir com a sua parte no pacto. Vários profetas pré-exílicos anunciam a destruição do Estado monárquico: Amós e Oséias (Israel); Isaias e Miquéias (Judá). E a anunciam como obra de Javé, porque esses Estados vieram a se tornar patronos da morte: estruturaram-se de modo a oprimir o povo e abandonaram a Javé em nome de outros deuses (mais adiante voltaremos a este aspecto dos profetas).

Aqui, penso que o importante é ressaltar que Javé, ao dar vida a um povo, exige desse povo que também dê vida aos seus membros. Em termos mais contemporâneos, ao dar vida aos hebreus oprimidos pelo Egito, Javé desenhou um projeto político a favor da vida (da não-opressão e da não-idolatria). Ao Estado patrono

⁷ Cf. W. BRUEGGEMANN e Hans Walter WOLFF. *O dinamismo das tradições do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1984. p. 124s.

⁸ Esta análise se impõe, mesmo que ao texto seja atribuída outra data de composição, como, por exemplo, no período mosaico - segundo eruditos conservadores como R. K. HARRISON. *Introduction to the Old Testament*; e K. A. KITCHEN. *Ancient Orient and the Old Testament*., por exemplo.

da morte nada mais resta senão a extinção, a fim de que Javé possa re-instaurar o seu projeto de vida.

Um poeta de Israel expressou-se bela e terrivelmente a este respeito: "Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro." (Sl 139.7s [BJ]) Nem mesmo o mundo dos mortos está livre de Javé, pois o Senhor e Criador de todas as coisas é o Juiz soberano sobre todos aqueles que negam o seu propósito e se tornam agentes da morte!

1.2. Javé, o Deus Libertador

Voltando aos textos de Êxodo 3-6, outra característica de Javé é que ele fez uma opção por um grupo de escravos oprimidos pelo Faraó egípcio. Optou por eles e decidiu atender-lhes o clamor, libertando-os "com mão forte e braço estendido". A teologia tradicional prefere o termo "eleição" ao invés de "opção", embora este seja historicamente mais exato.

1.2.1 O Libertador sente a dor dos que sofrem! O Deus dos hebreus é pessoal; a sua personalidade, todavia, não pode ser entendida abstratamente, como concessão à doutrina da imutabilidade divina. Pelo contrário, a personalidade de Deus é vibrante e contagiante. O relato de Ex 3 conta que Javé viu a miséria, ouviu o clamor, conheceu a angústia, viu a opressão sofrida pelo seu povo no Egito. Estes verbos hebraicos dão a tonalidade de envolvimento, de simpatia, de empatia. Javé viu os egípcios também, mas não se compadeceu deles; compadeceu-se, sim, pelos oprimidos egípcios. A reflexão posterior creditou essa atitude ao amor de Javé por Israel, conforme vemos em Dt 7.7s:

Se Iahweh se afeicou a vós e vos escolheu, não é por serdes o mais numeroso de todos os povos - pelo contrário: sois o menor dentre os povos! - e sim porque Iahweh vos ama, e para manter a promessa que ele tinha jurado aos vossos pais; por isso Iahweh vos fez sair com mão forte e vos resgatou da casa da escravidão, da mão de Faraó, rei do Egito.

O ponto culminante da revelação divina, sua encarnação em Jesus Cristo, mostra-nos o mesmo Javé "humano". "Jesus chorou!" A personalidade do Deus Libertador é tal que as lágrimas não lhe são estranhas, como não lhe é estranho o derramar o seu

próprio sangue a favor dos sofredores. Javé sentiu "na própria carne" a opressão e a angústia dos hebreus no Egito, e abriu seu coração para tirá-los de lá.

1.2.2 O Libertador age com poder miraculoso. Que ousadia desse deus familiar, ao chamar um assassino foragido para tirar um grupo de escravos da maior potência de então! Os libertos celebram a vitória de seu Deus junto ao mar: "Cantai a Iahweh, pois de glória se vestiu; ele jogou ao mar cavalo e cavaleiro!" (Ex 15.21) Antes do último ato, Javé já demonstrara seu grande poder ao Faraó e a seus deuses. A "mão forte e o braço estendido" do Senhor quebraram a resistência da potência opressora, e os escravos saíram. Fugiram e não mais tiveram de voltar; foram para a terra que o Libertador lhes prometera. O cântico de Ex 15 celebra jubilmente a libertação e a tomada da terra. Da mesma forma, os salmos da "história da salvação" celebram as mérfestacões do poder de Javé na história de Israel, "o menor dentre os povos". O poder de Javé está acima do poder das grandes potências, dos potentados humanos. A memória dos escravos libertos da grande potência nos forneceu, em forma de canção, uma das mais belas descrições do Deus em quem cremos.

O Todo-Poderoso tudo pode ao agir em favor dos sofredores, dos oprimidos deste mundo. Tem mão forte e braço estendido. "Agindo eu, quem impedirá?", diz. Eis o poder da liberdade, para a qual Cristo nos libertou.

1.2.3 O Deus Libertador cria uma história de liberdade e libertação. Javé fez sair os escravos do Egito para entrarem numa nova terra, que mana leite e mel. A questão não é só sair; é também sair para onde, para que tipo de vida. E Javé faz sair o escravo para a terra, a fonte da vida. A descrição lírica da terra que mana leite e mel não nos deve desviar a atenção do realismo do projeto histórico do Libertador. Sair não basta; é preciso poder levar a vida de modo digno. É preciso colocar nas mãos do povo as condições para reproduzir a vida, essa dádiva divina.

A promessa da terra recorda-me a narrativa da criação. Javé criara o ser humano para cultivar o solo. Expulso do jardim, o homem pôde continuar a cultivar o solo. Caim, o assassino, todavia, foi expulso do solo, que não mais lhe seria a fonte de vida. É Caim quem, no relato bíblico, inicia o processo de urbanização (Gn 4.17), e inicia-o com violência. Depois são as cidades-estado dos cananeus, dos heteus, dos amoreus, dos ferezeus que criam a opressão. A opressão no Egito desemboca na construção de uma cidade.

O projeto histórico do Libertador, ao tirar os escravos do Egito, incluía acabar com a opressão também na terra da promessa. Um dia uma cidade viria a ser a cidade da justiça (Is 1.2-6). Naquele tempo, entretanto, a cidade era a fonte do mal, da opressão do homem pelo homem e pelos deuses; a fonte da morte: refúgio dos reis e seus exércitos, dos sacerdotes; lugar onde não se planta nem colhe; lugar fechado e cercado com muralhas, estigma da violência e do assassinato primeiro.

O Libertador, portanto, também cria história para seu povo, uma história de luta contra a opressão. O seu projeto histórico é um projeto de vida em liberdade dos males, da opressão, dos deuses falsos. Este projeto histórico exige fé em Javé e fidelidade, no que por si só transcende projetos políticos. O projeto de vida do Libertador é um projeto de Deus e visa a liberdade a todos os povos, todos eles destinatários de sua bênção.

2. QUEM É O POVO DE JAVÉ NO ANTIGO TESTAMENTO?

O relato veterotestamentário tem sido usado para defender nacionalismos criminosos e racismos degradantes. A eleição divina de Israel tem sido deturpada para legitimar a soberba racial e étnica. Quando voltamos ao relato bíblico à luz do seu quadro acerca de Deus, uma visão universal se nos apresenta, e com a intensidade do raiar do sol nos campos de trigo. Tentaremos recuperar essa visão.

2.1 Javé é o Deus dos oprimidos

Antes de Deus de Israel, Javé é o Deus dos fracos, dos oprimidos deste mundo, dos pobres. É por aí que se começa a recuperar a sua universalidade no Antigo Testamento.

2.1.1 Os hebreus, a origem de Israel.⁹ A fé veterotestamentária faz Israel descender de Sem, primogênito de Noé, através de Abrão. Este, por sua vez, vem da terra dos caldeus e, no movimento migratório da primeira parte do segundo milênio a.C., chega à Palestina, onde vive como semi-nômade. Credos antigos

* Quanto à formação de Israel como nação, vide John BRIGHT, *História de Israel*, São Paulo, Paulinas, 1981, 692 p.; Milton SCHWANTES, *História de Israel (Local e Origens)*, polígrafo, São Leopoldo, 1984, 166 p.; e Norman K. GOTTWALD, *As tribos de Iahweh*, São Paulo, Paulinas.

(Dt 26.5s) atribuem a um dos patriarcas de Israel (provavelmente Jacó) o epônimo de arameu, que indica, também, a origem não palestinese desse patriarca. O que sabemos com certeza é que os patriarcas de Israel não eram 'israelitas' e nunca se fixaram na Palestina, mas viveram como semi-nômades em diferentes regiões da terra cananéia. São os seus descendentes que descem ao Egito e lá são oprimidos. (A ida deles ao Egito pode ter ocorrido numa situação normal de transmigração, ou já podem ter ido como prisioneiros de guerra.)

Os relatos do êxodo nos dão uma indicação de que havia mais de uma etnia durante a peregrinação pelo deserto (cf., Ex 12.38; Nm 11.4), além de nos falarem sobre o vínculo estreito entre o grupo mosaico e os midianitas (Ex 2, 18). Vários historiadores têm concordado em que 'Israel' foi o resultado da união de vários grupos de pequenas etnias na região do C. escente Fértil, unidas por um laço comum: serem marginalizadas perante as grandes e médias potências daquele período.

Uma hipótese que está ganhando força renovada atualmente, é a que identifica os ascendentes dos israelitas como os "hapiru". Estes eram grupos distintos, formados ou por cananeus residentes, fugitivos das cidades-estado (ou mesmo guerrilheiros ou bandoleiros), ou por clãs semi-nômades, marginalizados em relação às mesmas cidades cananéias. As pesquisas recentes indicam que a palavra 'hapiru' deve se referir a vários e distintos grupos socialmente à margem das cidades-estados cananéias.

Ex 3.18 atribui a Javé o título de 'Deus dos hebreus'. Este título é freqüente no livro do Êxodo (3.18; 5.3; 7.16; 9.1,13 e 10.3), mas nunca mais é usado no Antigo Testamento. Os israelitas, também, são designados como 'hebreus', quase que somente em textos relativamente antigos, ficando restritos ao livro do Êxodo, às afirmações dos filisteus, em 1 Samuel (4.6,9; 13.3,19; 14.11,21; 29.3), nas narrativas patriarcais (Gn 14.13; 39.14; 40.15; 43.32), e somente em duas passagens fora destes blocos: Dt 15.12 e Jr 34.9. (Nestas duas últimas passagens a palavra refere-se a 'escravos'.) Na linguagem de Milton Schwantes, os hebreus eram "aqueles setores sociais que, no feudalismo da época, haviam sido expoliados, expropriados e marginalizados".¹⁰

Ao meu ver estes textos nos permitem afirmar que Javé, antes de ser Deus de uma etnia, é Deus dos oprimidos e margina-

¹⁰ História de Israel, p. 121. Vide, também, a bibliografia alistada na nota 9.

lizados (hebreus) dentre quaisquer etnias. Novamente uma sugestão de Milton Schwantes é apropriada aqui para nossa reflexão:

"Ao ser designado de 'Deus dos hebreus', Javé, de saída, é designado como Deus universal. Como Deus concreto na história de um dos grupos de hebreus Javé é, potencialmente, Deus de todos os escravos. A teologia veterotestamentária, em seu nascedouro, não é, pois, racial ou nacional, mas universal porque, concreta e parcialmente, comprometida com as classes populares".¹¹

Apesar destes fortes argumentos, alguns ainda poderiam objetar afirmando que, no final das contas, estes "hebreus" são todos "israelitas". A seguir veremos que tal alegação não altera nossa tese básica.

2.1.2 Javé, libertador de "hebreus" não-israelitas. Alguns textos também falam acerca da ação de Javé a favor de hebreus não descendentes de Abraão:

1) Amós 9.7: "Não sois para mim como os cuchitas, ó filhos de Israel - oráculo de Iahweh - Não fiz Israel subir do país do Egito, os filisteus de Cáftor e Anam de Guir?" Estas indagações de Amós, que exigem respostas positivas, são um forte argumento adicional na demonstração de que Javé, primeiramente, é o Deus dos oprimidos. Só depois, Deus de um povo. Aliás, toda a mensagem do livro de Amós testemunha a essa tese. O anúncio dele era o da destruição do estado de Israel, exatamente porque transformara-se em estado opressor. A eleição de Israel nunca poderia ser utilizada para legitimar a prática da opressão. Apropriando-se de um refrão "oficial", Amós anunciara: "Só a vós eu conheci de todas as famílias da terra, por isso eu vos castigarei por todas as vossas faltas" (3.2).

2) Um outro texto profundamente significativo nesta conexão é Isaías 19.16-25. A conclusão deste oráculo é que "naquele dia, Israel será o terceiro, ao lado do Egito e da Assíria, uma bênção no seio da terra, bênção que pronunciará Iahweh dos Exércitos: 'Bendito meu povo, o Egito e a Assíria obra das minhas mãos, e Israel, minha herança.'" Como pôde o profeta afirmar tal coisa dos aqui-inimigos de Israel? A resposta é clara e está no verso 20: "(...)quando eles (egípcios) clamarem a Iahweh por causa dos seus opressores(...)" Ao adrentarem na

¹¹ Teologia do Antigo Testamento, v. 1, p. 33.

condição de oprimidos, os opressores "típicos" de Israel virão a Javé, clamando, e ele os ouvirá e os salvará, e serão o seu povo, também!

2.1.3 Javé abençoa a todos os "hebreus" dentre todos os povos. Em conexão com Gn 12.1s - a vocação de Abrão para sair de sua terra, deixar sua família, e partir para a Palestina, - percebemos que Javé age em favor dos "hebreus" dentre todas as nações. A fórmula, conhecida, da chamada de Abrão diz que "em ti serão benditas todas as famílias da terra." Tem sido praticamente unânime a interpretação de "famílias da terra" como "nações". De fato, a fórmula "todas as nações da terra" ocorre em Gn 18.18; 22.18 e 26.4 (goyim). A LXX e o Novo Testamento entenderam Gn 12.3 como se referindo a todas as "nações da terra". Só em Gn 28.14 é que se repete a mesma fórmula de 12.3, "famílias (clãs) da terra" (mshpbh).

Encontramos aqui um fenômeno lingüístico interessante. Na coletânea das tradições patriarcais, os redatores foram alterando a fraseologia original, a fim de atender às circunstâncias de sua época e condição. Porém, em dois versos a fraseologia antiga resistiu, ainda que sendo interpretada à luz da fraseologia mais recente. Acredito que, originalmente, a fórmula era entendida como se referindo à bênção dos "clãs agrários", ou seja, os grupos semi-nômades dos quais a família de Abrão fazia parte. Seria, então, originalmente, um projeto salvífico para os marginalizados, para os "hebreus" em Canaã, para as "classes populares" e não para os "estados" ou nações, enquanto entidades totalmente abrangentes da sociedade civil e militar.¹²

A alteração de "clãs agrários" para "nações da terra" é uma reinterpretação de um período posterior ao semi-nomadismo, quando Israel já estaria estabelecido em Canaã como uma nação, e a promessa aos clãs familiares entraria em choque com a teologia oficial da corte. Que o projeto de Abrão ficasse restrito aos clãs é certo, visto que ele, como outros semi-nômades de sua época, evitava consistentemente os contatos com as cidades-estado e com as potências estatais - exceto quando a luta pela sobrevivência o exigia, como quando se narra que desceu ao Egito.

¹² Sobre a definição de "pobres", veja Enrique DUSSEL. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo, Paulinas, 1985. v. 2, p. 55-56.

Na sua proposta original, portanto, a bênção de Javé, através de Abraão, dirigia-se aos semi-nômades e demais "pobres" de sua época. Isto implica em que, quando lemos os textos como dirigidos às "nações" da terra, não podemos entendê-los abstratamente, sem levar em consideração as condições sócio-históricas de cada uma destas nações. 13

Que significa ser bênção? Ou seja, qual é o conteúdo do projeto de Deus em Gn 12.1s? Em síntese, bênção, aqui, é o oposto da maldição advinda aos seres humanos devido ao pecado. Essa maldição inclui a expulsão do Éden, morte, dilúvio, dispersão sobre a terra, eliminação da solidariedade entre as pessoas. A bênção é a ação de Javé sobre, e através das pessoas, para criar solidariedade, vida, unidade e fé. E. A. Martens, baseando-se num trabalho de C. Westermann, afirmou o seguinte sobre a relação entre a libertação e a bênção:

"A libertação envolve atos de intervenção divina, particularmente em crises. Essa obra de libertação objetiva, por sua vez, três propósitos subseqüentes: uma comunidade de aliança, intimidade com Deus e o dom da terra. Todos esses podem ser subsumidos sobre a palavra bênção. Enquanto a obra divina de libertação é uma obra de intervenção em crises, sua dádiva da bênção é uma atividade contínua em tempos não críticos".¹⁴

O texto Gn 12s foi colocado num ponto estratégico no Pentateuco. Claus Westermann e G. W. Coats¹⁵ concordam em que Gn 1-11 (a história primeva) e Gn 12-50 (as narrativas patriarcais) funcionam como diferentes introduções ao Pentateuco, sendo que o centro deste está em Ex 1-18. Gn 12.1-4 faz a ponte entre a história primeva e as narrativas patriarcais, trazendo a história universal para a linha abramico-israelita. Faz a universalidade do propósito de Deus ser mediada por um grupo específico. Ao fazer isso, a bênção precisa ser interpretada, imediatamente, como a reversão da situação criada pela dispersão dos homens sobre a face da terra. Ser bênção para todas as

¹³ Dois outros temas podem ser desenvolvidos em sua relação com este assunto, embora fujam ao escopo deste trabalho: o conceito de remanescente, e o julgamento das nações, em Mt 25.31s.

¹⁴ Op. cit., p. 23.

¹⁵ Cf. Claus WESTERMANN. op. cit., in passim e G. W. COATS. *Genesis, with an Introduction to narrative literature*. v. 1. Grand Rapids, Eerdmans, 1983. 322 p. in passim. Vide também: Milton SCHWANTES. A cidade e a torre. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 21(2):75-106, 1981.

famílias da terra é ser instrumento de anulação da opressão do povo pelos setores dominantes das nações. Ser bênção para todas as famílias da terra é ser instrumento da presença de Deus, geradora de fé autêntica, para os povos das nações. Ser bênção é ser parceiro de Deus na doação da vida.

2.2 Israel e as nações

A história avançou e, de um grupo de semi-nômades, o grupo escolhido por Javé se tornou uma grande nação, vivendo entre outras nações. Não seria justificado, então, falar de Javé como um deus nacional? Há, porém, muitos momentos na teologia veterotestamentária que testemunham do relacionamento de Israel com as nações em função de sua eleição. Destaco apenas dois deles:

2.2.1 A Tábua das Nações, Gn 10. Claus Westermann enfatizou em seu comentário a contradição da tese deste capítulo com a história de Israel e com os oráculos contra as outras nações. A tese de Gn 10, para ele, é que "toda a humanidade, em todos os seus membros, é criada, preservada e abençoada por Deus".¹⁷ Essa afirmação é tanto mais surpreendente quando percebemos que a construção genealógica de Gn 10 foi a forma escolhida pelo autor para transmitir os resultados de uma profunda reflexão sobre a história política do Antigo Oriente. Através da genealogia, o autor conta a história das lutas pelo poder sobre a região palestinese, pelas grandes potências (Babilônia, Egito e Assíria), e indica que Israel, uma nação infima que sequer é mencionada na tábua, sob a bênção de Javé pode estabelecer-se na terra cobicada pelos grandes de seu tempo, para ser ali uma bênção para todas as nações. Se a forma final da genealogia pode ser datada no período exílico, acha-se um elemento a mais implícito nela, o de que Israel perdera a terra todas as vezes em que deixara de ser bênção para as nações, por causa de um exclusivismo teológico infundado e por ter se tornado um estado opressor e promotor da morte.

¹⁴ essa tendência se encontra entre os dispensacionalistas, com sua teologia do parêntese, e até entre alguns missiólogos (v. J. VERKUYL. *Contemporary Missiology, an introduction*. Grand Rapids, Eerdmans, 1978. p. 94ss.

¹⁷ Op. cit., p. 529.

Tendo em vista que a Tábua vem imediatamente após a bênção de Noé a dois de seus filhos, não será esta uma maneira possível de enfrentar as dificuldades para a interpretação de Gn 9.26s, em que a Jafé é prometido apossar-se de territórios de Sem?¹⁸ Em outras palavras, Israel seria o instrumento da bênção de Javé para todos os povos somente enquanto fosse a nação da liberdade e da vida, enquanto cumprisse o projeto histórico-político iniciado com a libertação do Egito e a tomada da terra cananéia.

2.2.2 Israel e as nações, nos profetas. Este segundo momento está representado em vários textos proféticos. Analisarei brevemente alguns deles:

1) Habacuque reflete e discute com Javé sobre a opressão e a injustiça cometidas em seu tempo. A resposta de Javé é que os caldeus, povo ainda pior que os judeus, seriam o seu instrumento de juízo do povo. Todavia, também aos caldeus Javé suscitaria o juízo, por causa de sua violência e opressão. Em meio a esse quadro sombrio achamos o texto 2.4, tão apreciado pelo apóstolo Paulo: "Eis que sucumbe aquele cuja alma não é reta, mas o justo viverá por sua fidelidade." O Justo viverá por sua fidelidade ao projeto do Deus Libertador, do Deus da vida, da justiça, de todas as nações. O critério de julgamento para todas as nações é idêntico: só se sustém a nação que é fiel a Javé:

Ai daquele que constrói uma cidade com sangue e funda uma capital na injustiça! Não é de Iahweh dos Exércitos que os povos trabalhem para o fogo e que as nações se esforcem para nada? Porque a terra será repleta do conhecimento da glória de Iahweh, como as águas cobrem o mar! (Hc 2.12-14)

2) Is 45 declara que Ciro, mesmo não conhecendo a Javé, é seu ungido "a fim de subjugar a ele nações, e desarmar reis" (v. 1). Javé, o único Deus, é o senhor da história e, para cumprir seus propósitos salvíficos, ele cria o "bem e o mal" (v. 7) na vida das nações. Os versículos 20-25, com sua ênfase sobre as nações virem e serem possuídas por Israel, a fim de conhecerem a Javé, indicam, a meu ver, que a história política universal é o veículo usado por Javé para realizar a "história da salvação". Este texto, que anuncia a conversão de todos os

¹⁸ Quanto às dificuldades de interpretação de Gn 9.25s, vide Claus WESTERMANN, op. cit., p. 488s.

povos a Javé, enfatiza sua justiça e sua força. A força de Javé, seu poder, está em fazer justiça e em criar povos que realizem a justiça divina: "Fui eu que suscitei este homem para assegurar a implantação da justiça" (v. 13a).

3) Am 5.27; 6.8,14; 9.5. Estes quatro versículos tratam do juízo de Javé sobre Israel, que seria realizado na forma de invasão por um exército estrangeiro e o exílio. A destruição do estado opressor seria cumprida por uma potência estrangeira, cujos exércitos destruiriam as cidades de Israel, e levariam cativos os seus moradores. Em todos esses textos Javé é chamado de "Deus dos Exércitos"¹⁹ A interpretação é clara: Javé é o Deus dos exércitos estrangeiros (não-israelitas). Este título, que evoca a celebração das vitórias do povo de Javé nas guerras santas, é usado por Amós para anunciar que Javé é o Deus de todos os povos, e pode utilizar-se de qualquer povo que desejar, para a realização de sua vontade. À luz destes textos torna-se ainda mais impressionante a teologia política dos oráculos de juízo em Am 1.3-2.16. Todas as nações estão sob a vigilância da justiça de Javé, e todas que atingirem a medida de seus pecados serão julgados pelo Deus dos Exércitos, recebendo a derrota por meio das potências estrangeiras.

A universalidade de Javé, portanto, é uma universalidade salvífico-libertadora. A forma de realização desta universalidade passou pela história política das nações do Antigo Oriente Próximo, mediada pelos descendentes dos semi-nômades abramícos e pelos hebreus libertos por Javé. Nos textos que vimos acima é impossível deixar de perceber que a atuação de Javé acontece no âmbito histórico das nações que vivem em conflitos pela posse da terra e do domínio umas sobre as outras. Creio que a partir desses textos há elementos para se aprofundar uma noção cara à teologia da libertação, muito bem expressa por Gustavo Gutiérrez, que os evangélicos deveriam recuperar:

Não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, 'justapostas' ou 'estritamente unidas', senão um só devir humano assumido irreversivelmente por Cristo, senhor da história (...) A história da salvação é a própria entranha da história humana.²⁰

¹⁹ Sobre a expressão "dos exércitos" vide Hans Walter WOLFF. *Joel and Amos*. Fortress Press. p. 286-88.

²⁰ Teologia da libertação. Petrópolis, Vozes, 1975. p. 129. Sobre o conceito de "tempo" e "história" no AT vide também os comentários de Guilherme COOK. A Bíblia, a história da salvação e a consumação do reino. In: *Boletim Teológico*, São Leopoldo, 1(3):45-91, 1984.

Assumir esta tese significa também assumir uma tarefa:21 recuperar, como brasileiros e ocidentais, essa perspectiva holística e dinâmica do Antigo Testamento, sem cair em formas de secularização ou de redução da fé ao histórico-político, exatamente porque em nossa cultura o hiato entre fé e política é grande, especialmente entre os quietos protestantes. Especificamente para nós evangélicos, esta tarefa requer que sejamos capazes de reformular nossos conceitos teológicos, à luz das Escrituras, sem medo de termos teologias parecidas com as de outros grupos, como por exemplo a teologia da libertação. Assumir uma tese bíblica que também foi assumida por esta teologia não significa tornar-se adepto dela.

Tal tarefa exigirá de nós a redefinição do "histórico" e do "político" a partir de duas perspectivas: (1) a teológica, baseada na exegese bíblica, e em diálogo com as proposições científicas adequadas aos termos; (2) a cultural, buscando integrar os elementos da(s) cultura(s) popular(es) brasileira, livrando-os da dicotomização entre fé e vida humana, tão querida pelos dominadores. E o estudo do relacionamento de Israel com as nações é um ponto de partida fundamental para a realização desta tarefa de enorme envergadura.

2. QUAL É O PROJETO DE DEUS E DE SEU POVO NO ANTIGO TESTAMENTO?

Após esta breve digressão, é hora de retomarmos o fio de nossa argumentação anterior e tecê-lo na forma de uma tapeçaria impressiva. A partir de nossa visão de Deus e do povo de Deus no Antigo Testamento, estamos preparados para tecer considerações sobre o projeto histórico-político desenhado pelos teólogos veterotestamentários.

3.1 Um projeto histórico-político religiosamente libertador. A primeira dimensão do projeto histórico no Antigo Testamento é religiosa. Só Javé é Deus! O zelo dele deve estar sempre em mente quando fazemos uma pesquisa aprofundada sobre a teologia do Antigo Testamento. A libertação, por exemplo, começa necessariamente pela negação de outros deuses. Por quê? A

²¹ Cf. José COMBLIN. Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 71s; Rolando Gutiérrez-Cortés. Desmitologización de la Historia. In: Boletín Teológico, México, (15), 1984/5.

opressão é um tributo dos deuses. E é, por eles, legitimada e elevada à condição de salvação e felicidade. De que deuses a opressão é um tributo? Dos deuses criados pelos homens para sua auto-sublimação. Pablo Richard faz uma série de afirmações neste sentido: "Em um mundo oprimido, a evangelização deve chocar-se fundamentalmente com a idolatria e com o ateísmo". Comentando sobre a criação do bezerro de ouro durante a peregrinação dos libertos no deserto, ele diz que "o povo quer voltar atrás e pretende forçar Deus e ir a sua frente, não para a terra prometida da liberdade, mas para a terra da escravidão do Egito (...) Quer um Deus-consolo-da-opressão e não um Deus-que-liberta-da-escravidão". Por que as pessoas criam seus próprios deuses? Porque têm a necessidade de "possuir um bem todo-poderoso, universal e transcendente, que sirva indistintamente para satisfazer toda sorte de necessidades (...) O profeta quer demonstrar com sua polêmica anti-idolátrica que esse bem de consumo - o ídolo que assegura a satisfação de todas as necessidades humanas - não pode assegurar a vida do produtor de ídolos, pois a vida do próprio ídolo depende do processo de trabalho de produção do ídolo".²²

O projeto de Javé liberta religiosamente porque, ao colocar toda a vida sob a soberania do Deus libertador, libera o seu povo para viver "em função do outro" e não em função de si mesmo. Dito na linguagem de Gênesis: "em ti serão abençoadas todas as famílias da terra". O ídolo, o deus criado pelo ser humano, sempre é um deus opressor, porque faz a pessoa viver em função de si mesma. Não é à toa que esses pseudo-deuses exigem sacrifícios para a sua própria alimentação, exigem que os homens os sirvam, pois "o destino dos homens é trabalhar para os deuses".²³ O Deus dos hebreus, porém, não necessita disso. Um salmista sintetiza poeticamente este conceito dizendo:

São minhas todas as feras da selva, e os animais nas montanhas, aos milhares; conheço as aves todas do céu, e o rebanho dos campos me pertence. Se eu tivesse fome não o diria a ti, pois o mundo é meu e o que nele existe. Acaso comeria eu carne de touros, e beberia sangue de cabritos? (Sl 50.10-13)

²² Nossa luta é contra os ídolos. In: VARIOS. A luta dos deuses. São Paulo, Paulinas, 1985. 308 p. nas p. 9, 14 e 24, respectivamente.

²³ J. Severino Croatto, op. cit., p. 46.

Não, Javé não precisa do trabalho de seus adeptos para sobreviver, pois dele é a terra e tudo o que ela contém. Por isso o projeto de Javé liberta, não pode ser opressor, porque supera a raiz da opressão, o querer ter aquilo de que se precisa para viver, de forma absoluta, não abrindo essa oportunidade para todos.²⁴

O projeto de Javé liberta, no âmbito religioso, porque não requer dos seres humanos sacrifício do fruto do seu trabalho (cf. Sl 50.14s; Mq 6.8; Am 5.14; Os 6.6; Is 1.11-17; Ex 20.1).

3.2 Um projeto histórico-político humanamente libertador

A declaração de Gn 1.26s sobre a criação da humanidade revela a dimensão libertária da fé veterotestamentária no âmbito das relações humanas pessoais. Dois aspectos destes versos indicam a peculiaridade da concepção do ser humano:

1) A humanidade foi criada para ser representante de Deus na terra. Este é, quase certamente, o significado mais preciso da expressão "Deus criou o homem à sua imagem", segundo Claus Westermann. Em contraste com mitos não israelitas, nos quais somente os reis eram à imagem dos deuses, a novidade do Gênesis é que toda a humanidade foi criada à imagem de Deus, do único Deus, a fim de ser, na terra, representante do criador. Logo, não haverá necessidade de um dominar sobre outro, porque todos "sois deuses" (disse um salmista).

2) A humanidade toda foi outorgada a bênção de Javé. Já vimos anteriormente o sentido da bênção em Gn 1.28. Podemos, todavia, ressaltar ainda os versículos 29-30, em que se diz que Deus deu aos seres humanos e aos animais os vegetais para servirem de alimento (cp. Gn 9 e Is 11.1s). A humanidade foi criada por Deus para desfrutar da vida, sob sua bênção, juntamente com os animais, na terra entregue aos cuidados dos seres humanos. Tenho evitado falar aqui de "homens", pois o versículo 27 é claro ao afirmar que, criando a humanidade à sua imagem e semelhança, Javé a criou "macho e fêmea", "homem e mulher". Foi o pecado, descrito em Gn 3, que causou a submissão da mulher a seu marido num regime opressivo; nunca fora esta a intenção do Criador, pois, para representá-lo na terra e desfrutar de suas

²⁴ Não é interessante que as religiões afro-brasileiras tenham entre seus conceitos a necessidade de alimentar os orixás? Aliás, não será que nós evangélicos não estamos cometendo erros semelhantes, quando dizemos que "vamos ao trabalho do Senhor?"

bênçãos, ele modelara ambos, e não só o "homem", nem só a "mulher".

Outro testemunho da dimensão humanamente libertadora da fé veterotestamentária se encontra na literatura sapiencial. Vejamos particularmente o livro de Eclesiastes. Ao invés de ser um desabafo pessimista, como vários estudiosos se inclinaram a atendê-lo, este livro revela a profunda riqueza humana da fé israelita. O sábio examinou a vida humana e perquiriu cuidadosamente por uma explicação para os problemas desta vida: sofrimento, trabalho, injustiças e morte. Não aceitou as respostas da sabedoria extra-israelita, com seu conceito de ordem universal, na qual os indivíduos ficavam prisioneiros do destino e sujeitos à lei de causa-efeito. Também não aceitou a proposta do "cínico agnóstico", cujo pessimismo entrega a pessoa ao marasmo e à vida sem sentido. Pelo contrário, o sábio israelita viu a vida como um dom de Deus, plena de possibilidades de ser desfrutada: "compreendi que o único bem do homem é alegrar-se e passar bem na vida. Porém, que o homem coma e beba e desfrute do produto do seu trabalho, é dom de Deus. Compreendi que tudo quanto Deus fez durará para sempre. (3.12-14). O sábio percebeu que a resposta final para as inquietações últimas do ser humano só poderia ser encontrada em Deus, mas Deus não se dispusera a revelá-la aos seus filhos; por isso "tudo é vaidade!". Uma vida livre e feliz, plena do desfrute das bênçãos divinas, é vivida por todos os que se "lembram" do Criador, ainda na sua juventude. Como disse o sábio, "estou convencido de que a felicidade é para aqueles que temem a Deus, porque o temem, mas não haverá felicidade para o ímpio. Ele não terá longa vida; pelo contrário, será igual à sombra, porque não teme a Deus" (8.12b-13). O conceito-chave de toda a sabedoria israelita, o "temor de Javé", demonstra que a vida, sob a direção de Deus, é feliz, boa, plena, justa.

O projeto de Javé para suas criaturas humanas é de vida, de vida abundante nesta terra. Quão distante está de propostas religiosas (ou morais ou filosóficas) que fazem da vida um fardo a ser carregado, um peso a ser abandonado alegremente na hora da morte. O corolário desta dimensão do projeto de Javé se encontra na afirmação cristã da ressurreição do "corpo", pois o corpo é a vida e a vida é o corpo. Logo, "rogo-vos, pelas compaixões de Deus, que apresenteis os vossos corpos (...)" (Rm 12.1). Somente mediante uma vida libertada na dimensão mais íntima do ser humano, a pessoa na sua individualidade diante de Deus e do seu próximo, o projeto libertador religioso e político avançará em plenitude. A seguinte afirmação de Juan Luis Segundo, feita em contexto bem diverso, serve como uma apropriada transição para o próximo passo de nossa pesquisa:

Assim como é terrivelmente empobrecedor ignorar a dimensão social dos problemas existenciais, assim o ponto de vista coletivo - mais relacionado comumente com as ideologias - se torna incompreensível se se esquece que por detrás de todos os fenômenos sociais, mesmo os mais determinados por estruturas coletivas, existem homens reais que pensam e decidem."²⁵

3.3 Um projeto histórico politicamente libertador

Quando examinamos o Antigo Testamento em busca da organização política do povo de Israel, percebemos que os programas políticos no curso de sua história ou foram libertadores, ou ficaram sob o juízo de Javé. Começemos com o projeto político na época do Êxodo do Egito. O relato de Ex 3 indica que o projeto para os libertados incluía apenas uma terra que oferecesse condições de sobrevivência para o grupo que sairia do Egito. Não se falou, naquela época, de um reinado. A entrada na terra exigiria luta, mas essa luta estava dentro dos limites do alcançável pelo grupo de fugitivos. Em Canaã, a organização tribal prevaleceu durante bom período de tempo, sustentando uma divisão ampla do poder político e religioso, bem como mantendo formas descentralizadas de suprimento das necessidades das famílias, que eram a base da organização social de então.²⁶ Por causa dos inimigos externos de Israel surgiu, porém, a necessidade de uma adaptação deste modelo. Já em Samuel vemos uma espécie de líder do conselho dos anciãos da liga tribal, cuja incumbência básica era enfrentar a ameaça dos filisteus, que com seus carros de combate e armas de ferro suplantavam em muito o poderio militar da liga tribal. 1 Sm 8-12 narra sinteticamente a organização do povo na busca de um substituto para Samuel como líder militar da liga, e os problemas dela decorrentes. Suspeito que a introdução do termo "rei" nesses capítulos seja uma interpretação deuteronomista, a fim de legitimar a monarquia. Provavelmente o que temos nesses relatos são duas tradições distintas: uma que apoiava a continuação de Samuel como líder da liga, e outra que apoiava a escolha de Saul como líder militar, reduzindo os poderes de Samuel. Não acredito, então, que se tenha pedido um rei (um reinado, no final das contas) para Israel. O que se precisava era de uma organização

²⁵ O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré. São Paulo, Paulinas, 1985. v. 1/1, p. 134.

²⁶ Cf. Norman K. GOTTWALD. op. cit., in passim.

militar mais eficiente, e o conselho da liga tribal estava lutando em busca desta reformulação militar a fim de defender-se dos filisteus, principalmente. Isto se reflete claramente na atribuição a Saul do título "nagid" e não "melek".²⁷

De qualquer forma, a rejeição da "monarquia" por parte de Samuel retrata o princípio teológico que sustentava a organização social israelita. Um rei iria ferir o princípio de liberdade e igualdade entre os clãs e trazer opressão. E foi exatamente isto que aconteceu, conforme retratam os livros de Reis e Crônicas e, mais enfaticamente, os profetas pré-exílicos. De fato, a monarquia em Israel deve ter surgido como consequência de uma série de manobras políticas da parte de Davi e seus aliados. Depois que a monarquia já estava estabelecida, o profeta Natã anunciou a Davi uma profecia de Javé, segundo a qual este lhe prometia uma casa firme, desde que sua descendência governe Israel com justiça (2 Sm 7.5-16); mas "se ele fizer o mal, castigá-lo-ei com vara de homem e com acoites de homens" (v. 14b). É este termo que ficará inscrito na avaliação do redator deuteronomista para os reis de Israel e Judá. Os reis eram classificados como "tendo feito o mal perante Javé" ou como tendo "agido de modo agradável a Javé". Normalmente este juízo seguia padrões religiosos: visava especialmente o rei que permitia a adoração a ídolos. Mas a própria divisão dos reinos indica os rumos dos monarcas israelitas, com Salomão como protótipo: "Teu pai tornou pesado o nosso jugo; agora, alivia a dura servidão de teu pai, e o jugo pesado que ele impôs, e nós te serviremos" (1 Rs 12.4). No final das contas, tanto os deuteronomistas quanto os cronistas rejeitam a monarquia como forma de organização social, especialmente porque ela cria a idolatria (cf. Ne 13.26). A reforma de Esdras e Neemias propõe um tipo de organização social muito semelhante à da liga tribal, só que centralizada no culto a Javé, mediante os sacrifícios e a pureza ritual, evitando a todo custo a queda na idolatria. Ao lado da questão ritual, um elemento fundamental foi a abolição da opressão, e a criação de uma organização social libertadora (cf. Ne 5.12). A reforma da comunidade pós-exílica, portanto, atacou dois focos de opressão: a idolatria e o abuso do poder econômico. Foi, assim, uma reforma libertadora, no espírito do êxodo e da aliança deuteronomica.

Foram os profetas pré-exílicos, porém, os que mais duramente julgaram os reinados de Israel e Judá. As mensagens de

²⁷ A explicação para esta situação textual pode estar talvez no processo de composição literária da obra deuteronomista, que compreendeu pelo menos três estágios distintos: o das perícopes, o dos pequenos blocos e o da obra final - este, talvez, com mais de uma redação.

Isaias, Oséias, Amós e Miquéias, todas, apontaram para a eliminação do estado monárquico opressor. Essa previsão da eliminação do estado foi realista e histórica. Naquela época, no Antigo Oriente, o cativo era forma comum de eliminação de um governo. Não é sem razão que os dois pecados básicos condenados por esses profetas são a idolatria e a injustiça social.

E quanto à esperança messiânica? Não seria ela uma forma de aprovação da monarquia, pelo menos enquanto projeto possível? Pode ser. Mas o fato marcante, aqui, é que foram os cânticos do servo que determinaram a interpretação messiânica do período cristão. Foram eles que identificaram o conteúdo do rei, no reino de Deus esperado.

Um argumento adicional que demonstra o caráter libertador do projeto político israelita pode ser encontrado nas descrições do rei nos salmos. Veja-se, por exemplo, Sl 72.1-2: "O Deus, concede ao rei teu julgamento e a tua justiça ao filho do rei; que ele governe teu povo com justiça, e teus pobres conforme o direito". Neste e em outros salmos reais encontramos o princípio teológico da justiça como ordenador da vida social em Israel, não deixando nem mesmo o rei de fora das exigências da aliança. O rei era visto, assim, como responsável pela manutenção do projeto político fundamentado na experiência do êxodo.

Para concluir, quando tentamos discernir o projeto político israelita compreendemos que é um projeto libertador, valorizador da vida, baseado no suprimento das necessidades vitais das pessoas, preocupado ecologicamente, e imaginado à luz da fé em Javé. Em verdade, a fé era o elemento fundamental na arte política israelita. Obviamente, as formas criadas para o atendimento desses valores foram limitadas às condições materiais e históricas do período veterotestamentário, e não são normativas para o pensamento cristão.

ACERTANDO NOSSAS REFLEXÕES

À luz desta linha triplice de argumentação podemos voltar à pergunta animadora desta pesquisa: "A fé veterotestamentária possui implicações políticas, ou é uma fé política?" A resposta, mesmo inicial e aberta como deve ser toda resposta humana, é que ela não somente possui implicações políticas; ela é essencialmente uma fé política.

Em que sentido seria ela uma fé política? Franz Hinkelammert assim define política: "Como arte do possível, a política entra na consciência atual a partir do momento no qual o homem começa a modelar a sociedade com base em projetos de uma sociedade a construir".²⁸ A partir desta definição podemos precisar melhor o que queremos dizer com a proposição: a fé veterotestamentária é fé política.

1) É política no sentido em que é a fonte de valores e de motivação para a realização de um projeto histórico para a vida de um povo em sociedade;

2) É política no sentido em que fornece a orientação fundamental para a práxis de um povo oprimido, e, transcendendo a força de organização desses oprimidos, realiza a libertação no poder de Deus;

3) É política porque libera o povo, dentro de suas condições históricas, para a criação de seus próprios meios de organização social. Diferentemente do islamismo, por exemplo, a fé israelita não favorece a absolutização do divino em detrimento do humano na organização sócio-política. Ou seja, a fé é política, mas não pode ser ideológica. No Antigo Testamento a fé em Javé é a instância última de apelação para o julgamento de um projeto histórico-político determinado. A fé não é substitutivo da racionalidade política. Muito embora ela possa vir a ser instrumentalizada ideologicamente - e há exemplos disto no Antigo Testamento -, ela não é ideológica em si mesma. Não obstante, afirma-se fé totalizante e transcendente, pois sua fonte, Javé, não é um deus feito por mãos humanas, mas o único Deus vivo e auto-existente.

4) Não é fé política no sentido em que o "político" se torne totalizante. É política, sim, porque na cosmovisão hebraica a vida humana só é percebida na sua totalidade, na pluralidade de sua manifestação. O político é uma das dimensões da vida humana e, por isso, uma das dimensões da fé - até a própria essência da fé. Nesse sentido, o melhor título para essa fé seria fé humana e humanizadora. Mas este já seria assunto para outro trabalho.

Temos ainda a pergunta relativa a nossa teologia. A inevitável resposta é que nossa teologia é política, posto que a fé que ela expressa é política; posto que a vida humana é política, e a teologia é tarefa do humano. Aliás, isto já está

²⁸ Crítica à razão utópica. São Paulo, Paulinas, 1986. p. 11.

muito claro no próprio Antigo Testamento (e não menos no Novo), que escolhe toda uma série de termos políticos para expressar a fé em Javé, como, por exemplo, "êxodo", "libertação", "aliança", "idolatria", "reino de Javé", "povo sacerdotal" etc.

Como deverá ser nossa teologia política? A resposta foge ao escopo deste trabalho. Não posso, aqui, fazer mais do que lembrar alguns autores e tendências contemporâneas que estão fazendo teologia política. No Primeiro Mundo há nomes como: Norman K. Gottwald, Walter Brueggemann, Johann Baptist Metz, John Yoder, Dorothee Sölle, Jürgen Moltmann, Jacques Ellul, que representam tendências diversas, algumas até conflitantes entre si. Na América Latina a teologia da libertação é o exemplo mais conhecido. A Fraternidade Teológica Latino-Americana também possui membros que fazem teologia política de alta qualidade. Acredito que o Antigo Testamento é normativo também para nossa tarefa de teologia política, por isso eu diria que esses autores deveriam ser lidos à luz do "político" da teologia do Antigo Testamento.

A teologia dos israelitas, como expressão de sua fé, foi sendo forjada no cadinho das lutas históricas pela vida. Sua teologia animou projetos políticos definidos e julgou as realizações concretas desses projetos. Nunca se fez completa; sempre a caminho. Em última análise, é uma teologia aberta para o novo histórico, inclusive o Novo Testamento, e para o novo definitivo, Javé.

Nós, presentemente, temos que recuperar essa visão da teologia e da vivência da fé e expressá-la no cadinho das lutas pela vida - históricas e políticas. Teologia aberta para o novo histórico, para o novo definitivo. A conclusão apropriada para este ensaio só pode ser um convite: "Saíamos a caminhar historicamente, fazendo teologia política, humana, libertadora, cristã!".

"No estandarte vai escrito
que ele voltará de novo,
e o Rei será bendito,
Ele nascerá do povo!"
(Ivan Lins e Vitor Martins)

"Eu virei, a fim de reunir todas as nações e
línguas; elas virão e verão a minha glória"
(Is 66.18).